



**A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE
DA PESSOA COM SURDEZ**

¹Aline Priscila de Santana Freire

²Sandra de Andrade Santos

EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS

RESUMO

Este artigo busca analisar alguns pressupostos sobre a construção da sexualidade, que ocorre a partir da adolescência, da pessoa com deficiência auditiva ressaltando a importância da LIBRAS no que se refere as informações sobre a sexualidade do sujeito; com base em autores como Felipe (2007); Quadros (2004); Guimarães (1995); Freud (1976;1997); Cruz e Oliveira (2002) que abordam a perspectiva da educação do surdo e a sexualidade, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. Pretende-se uma análise acerca dos fatores que favorecem uma compreensão de si mesmo, do surdo, no que toca a sexualidade e aos assuntos que envolvem esta. A falta de comunicação entre pais e filhos surdos, o não conhecimento da LIBRAS por parte da família e dos profissionais responsáveis pelos esclarecimentos das dúvidas causa cidadãos surdos mal informados. Com isto propõe-se uma reflexão sobre o tema.

Palavras-chave: Sexualidade. Orientação e Educação Sexual. Língua Brasileira de Sinais.

**THE IMPORTANCE OF LSB IN THE CONSTRUCTION OF
SEXUALITY THE PERSON WITH DEAFNESS**

ABSTRACT

This paper analyzes some assumptions about the construction of sexuality that occurs during adolescence, the person with hearing loss emphasizing the importance of LBS as regards information about the sexuality of the subject, based on authors such as Philip (2007) ; Tables (2004), Guimarães (1995), Freud (1976, 1997); Cruz and Oliveira (2002) that address the perspective of education of the deaf and sexuality, it is a literature search. The aim is an analysis of the factors that promote an understanding of himself, the deaf, when it comes to sexuality and the issues surrounding this. The lack of communication between parents and deaf children, the lack of knowledge of LBS by the family and the professionals responsible for clarification of doubts because deaf people misinformed. With this it is proposed a

reflection on the subject.

Keywords: Sexuality. Sexual Orientation and Education. Brazilian Sign Language.

INTRODUÇÃO

As informações que os deficientes auditivos possuem sobre a sexualidade são escassas, contribuindo para uma não prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou gravidezes indesejadas, tendo a família e a escola como principais esclarecedores no processo de construção da sexualidade. Esta envolve sentimentos e experiências estando associada aos aspectos biológicos, inclui não somente o genital como também as atividades afetivas, as formas de sentir, de gostar, de amar englobando todo o comportamento do ser humano (CRUZ & OLIVEIRA, 2002).

O surdo assimila as informações do ouvinte não conhecedor da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como um estrangeiro, ele tem que interpretar o diálogo de acordo com o contexto vivenciado e nesta tentativa de interpretar a informação cometem erros na interpretação, perdem tópicos importantes da comunicação; os ouvintes por sua vez tentam através de mímicas ou gestos expressar a informação. As primeiras informações que circundam a sexualidade são dadas através do convívio social, da troca de informações cotidianas, no ambiente familiar e escolar a priori, sendo de alta relevância a maneira pela qual se introjetam os valores, normas e os papéis sociais que surgem no decorrer da sexualidade, pois é por meio da comunicação e do diálogo que o conjunto de significados orientará todo o comportamento sexual do indivíduo. A interação se dará principalmente fazendo uso da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, com esta a comunicação com os surdos será efetiva e assimilada completamente.

Como qualquer ser humano o surdo também possui sexualidade: paquera, conquista, namora, beija, tem relação sexual, convive, mora junto, casa, tem filhos, etc.; como outro surdo ou como um ouvinte qualquer. O relacionamento entre surdos torna-se mais fácil no que se refere à convivência, pois possuem visão de mundo parecida, semelhante; as experiências vivenciadas são próximas, um surdo compreende mais facilmente a atitude e o comportamento de outro surdo, principalmente se estes participam de uma Comunidade Surda. O surdo que é membro desta referida comunidade busca por seus direitos e por uma educação escolar e superior, debate e procura estar atualizado sobre os acontecimentos da sociedade, ou seja, o surdo que frequenta uma Comunidade Surda possui informações e troca de experiências diversas sobre a sua prática no que toca a um ser social.

A sexualidade propriamente dita tem seu início na adolescência. Segundo Vitiello (1997), o que ocorre nesta fase é determinante na caracterização do novo adulto, influenciando na estrutura da personalidade, nas aquisições comportamentais, nos valores e novos papéis sociais. Assim sendo, a sexualidade vinculada ou não a adolescência vem sendo um dos assuntos mais estudados, seja por abranger aspectos sociais e sexuais, seja por trazer em relevo as relações interpessoais. E isto não é diferente com os jovens surdos apesar de possuir cultura diferente comparada a cultura do ouvinte.

Como defende o MEC (2006) a linguagem permite ao ser humano estruturar e expressar o que pensa e sente; a linguagem tanto na forma verbal como em outras formas ainda tem uma posição mister para transmitir conceitos e sentimentos e também fornece elementos para a expansão do conhecimento; estando ela embutida no próprio sistema nervoso humano. Na linguagem existem dois processos: o verbal e o não verbal, um indivíduo a depender das necessidades e de suas limitações irá desenvolver os dois processos ou apenas um, mas todos os indivíduos humanos nascem com a predisposição para a aquisição da fala. A sua principal função é o intercâmbio social.

O autor mostra também que William Stokoe demonstrou que a língua de sinais é uma língua natural, igual as demais línguas orais, reafirmando que a língua de sinais deve ser respeitada e também as pessoas que fazem uso dela. Elas são tão completas quanto às línguas orais e estão sendo estudadas no âmbito científico em todo o mundo.

O presente estudo visa analisar e refletir através de uma pesquisa bibliográfica a importância da LIBRAS na construção da sexualidade do surdo. Vale ressaltar que os tópicos principais descritos neste trabalho merecem estudo mais profundo e cauteloso para que possa corroborar que a pessoa com deficiência auditiva ou Surdo pode ter um desenvolvimento de sua sexualidade seguro como qualquer outra pessoa.

O SURDO E A SEXUALIDADE

Ao abordar a sexualidade dos surdos se faz necessário resgatar as concepções teóricas que permeiam este tema, apesar de que algumas definições serem discutidas há décadas. Para Vygotsky (1984, p.89; 2001) a surdez se define como “um estado normal e não patológico para a criança surda, e o defeito só se é sentido de um modo mediatizado, secundário como resultado de sua experiência social refletida”. Afirma ainda que a linguagem regula a atividade psíquica humana, pois ela é responsável pela estruturação dos processos cognitivos. Com isso é assumida como constitutiva do sujeito, pois possibilita as interações

fundamentais para a construção do conhecimento. Conforme Sá (2002) uma pessoa surda é alguém que vivencia um déficit de audição que o impede de adquirir, de maneira natural, a língua oral/auditiva usada pela comunidade majoritária e que constrói sua identidade baseada principalmente nesta diferença, fazendo uso de estratégias cognitivas e de manifestações culturais diferentes da maioria das pessoas que ouvem. As pessoas com deficiência auditiva e ou Surdo - indivíduo que faz uso da LIBRAS e que é membro de uma comunidade Surda - também possuem a sua sexualidade em formação e em desenvolvimento e faz uso desta em suas relações como qualquer outro ser humano.

Os surdos que participam de Comunidades e ou Associações Surdas assumem uma cultura própria e o surdo que frequenta estas comunidades adquirem uma identidade surda, ou seja, características peculiares, como por exemplo: os surdos preferem um relacionamento mais íntimo com outra pessoa surda; seus debates e teatro abordam questões de relacionamento, educação e visão de mundo das pessoas Surdas. Alguns autores que abordam a surdez confirmam que na cultura surda as pessoas surdas usam a língua de sinais e compartilham crenças de pessoas surdas entre si e com outras pessoas que não são surdas. Corroborar-se também que com base no que foi escrito anteriormente, a definição da surdez foi influenciada historicamente pela tradição médico terapêutica e posteriormente a abordagem educacional aos surdos, isto fez com que não fosse incluída e considerada a experiência da surdez e o contexto psicossocial e cultural onde a pessoa surda se desenvolve (FELIPE, 2007; PADDEN, 1989: 45 apud FELIPE 2007; BENTO, 2005).

Segundo Felipe (2007), “existe uma diferença entre ser Surdo e ser deficiente auditivo. “Deficiente” estigmatiza a pessoa porque mostra sempre o que ela não tem, em relação às outras e não mostra o que ela pode ter de diferente e com isso, acrescentar às outras pessoas”. Para Thoma & Lopes (2004) “surdez é um traço que coloca quem a possui no limite entre aquele que é inválido e aquele que pode ser reabilitado, “tratado” ou “educado” e isto é encontrado nos surdos alienados aos desejos científicos, religiosos e clínicos”.

Surdo para Felipe (2007) aprende e fala com as mãos, numa língua oral-auditiva, a língua de sinais, e através desta convive com pessoas que percebem o mundo pela visão, e isso faz com que elas sejam diferentes e não necessariamente deficientes. A diferença está no modo de apreender o mundo, gerando valores e comportamento comum, compartilhado bem como tradições sócio-interativas. O Surdo está politicamente atuando para ter seus direitos de cidadania e aspectos linguísticos respeitados. Capovilla (2001) acrescenta que Surdo se designa a pessoa que pertence a uma condição antropológica de membro da Comunidade Surda que se identifica com seus valores culturais e se distingue pelo uso da Língua de Sinais.

Estes direitos se referem a intérpretes e tradutores em instituições públicas, escola de qualidade, sistema de saúde também de qualidade e disponível, mercado de trabalho, enfim, igualdade de oportunidades no âmbito social, educativo, afetivo.

Freud (1976; 1997) defende que a sexualidade se caracteriza por grande plasticidade, tendo a ver com a história pessoal de cada um. Ela envolve toda uma série de excitações e atividades presentes desde a infância. Não tem a ver com um objeto, tão pouco com um objetivo. Ela perpassa a necessidade fisiológica, relacionando-se ao desejo. De acordo com as teorias da psicanálise, todos os seres humanos já nascem com a sexualidade, e passarão por diversas fases, cada uma com suas próprias características de comportamento.

A forma como um sujeito irá exercer ou praticar esta sexualidade se dá através das informações e experiências durante sua vida, se na infância o surdo foi reprimido com relação as suas curiosidades, a sua sexualidade poderá se desenvolver de forma positiva ou negativa a depender da estrutura psíquica do indivíduo construída ao longo de suas vivências. Aprendemos o que nos é ensinado ou somos mediados por nossos cuidadores, seja um pai, uma mãe, uma tia ou avô e levamos isto para nossa convivência social, extra-família, esta convivência irá corroborar ou não o que aprendemos no seio familiar. Muitas vezes, o que irá fazer com que pratiquemos o que foi aprendido ou ensinado é a forma como nossa relação com os entes familiares foi construída: confiança, afeto, diálogo, medo, insegurança, freqüentes punições. Outros autores (CRUZ & OLIVEIRA, 2002) defendem que a sexualidade está ligada ao modo como os seres humanos se relacionam, envolve também sentimentos e experiências, assim como está vinculada aos aspectos biológicos, contudo, abrange muito mais do que isto, não se limitando aos órgãos sexuais e ao ato sexual ou ao sexo, mas ao corpo inteiro, total, real e fantasioso.

SEXUALIDADE: UM TABU NA FAMÍLIA

Percebe-se que, dentre os diversos grupos sociais os quais os indivíduos fazem parte, a família, por ser o primeiro grupo responsável por transmitir a aprendizagem social, é tida como a principal e mais eficaz fonte de influencia na construção dos significados e princípios que determinam as visões de mundo das pessoas de modo geral. Logo, as primeiras informações quer sejam precárias ou ricas sobre a sexualidade e saúde sexual são passadas através das relações familiares.

O ensino sobre saúde para com os deficientes auditivos e também para os Surdos é um tema pouco abordado e não trabalhado, percebe-se que os surdos são quase leigos sobre

este assunto e as poucas noções que detém são adquiridas no convívio com a sociedade, com a família e às vezes na escola; é preciso trabalhos contínuos sobre a sexualidade com esta clientela porque o processo de aprendizagem é lento e dependente (BARBOSA et al, 1999). De acordo com o Guia de Orientação Sexual (1994) e Guimarães (1995) cabe à família a educação e ou orientação sexual informal e as instituições escolares e centro comunitário a prática formal, sobre a forma de ações, programas e projetos deliberados.

Para este autor, a orientação sexual, quando na área educacional, define-se como um processo de intervenção sistemática na área da sexualidade e realiza-se principalmente nas escolas, sendo responsável pelas informações sobre tudo que envolve a sexualidade e as práticas sexuais do ser humano, além de construir um espaço de reflexão e questionamentos sobre tabus, posturas e valores no que diz respeito aos relacionamentos e comportamentos sexuais, é o local onde surgem as primeiras experiências e representações sociais, podendo incitar conflitos e distorções no tocante ao que seja correto ou errado na sexualidade.

O INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) apud Bento (2005) aconselha que os pais devam ser os responsáveis pela educação sexual e orientação sexual das crianças surdas, apesar de isto acontecer muito raramente, pois a maioria das famílias é extremamente carente, inclusive de conhecimentos básicos a respeito do sexo ou da própria reprodução humana, atrelado a isso, suas próprias experiências traumatizantes, tabus e preconceitos originários de informações erradas e os medos e ansiedade de não saberem como proceder com os filhos. Não se deve esquecer que o surdo detém uma maior percepção visual e apóia-se, portanto muito mais no comportamento não verbal, pois, para o surdo, a maneira de explicar vale muito mais do que a própria explicação, e por isso a atitude dos pais e dos educadores é muito importante quando acolhem as perguntas das crianças, por exemplo, com tranquilidade e não com perturbação e irritação. Sem dúvida, o constrangimento e as mudanças de expressão fazem com que o surdo se fixe no que está vendo, evitando posteriormente novas perguntas e concluindo que sexo é um assunto melindroso e vergonhoso.

Percebe-se que muitos pais têm vergonha ou não querem tratar de temas como sexualidade e ou sexo porque temem em despertar interesse nos jovens, muitas famílias proíbem seus filhos de assistir programas que abordem frequentemente estes assuntos. Existem também pais que incubem alguém, muitas vezes que não são da família, amigos e colegas destes jovens ou dos próprios pais que transmitam confiança para aconselhamentos sobre a sua sexualidade. Outros por sua vez, não se importam de que seus filhos comecem relacionamentos desde cedo, por volta aproximadamente dos 9 e 11 anos de idade, permitindo

diversos graus de paquera e namoro a depender da idade, como por exemplo: Bilhetes ou recados de paquera; comentários de que gosta, paquera ou está namorando com alguma garota ou garoto da escola ou da rua onde mora, estes são freqüentemente, na maioria das vezes temas de conversa com a mãe; passeios ao cinema com o “namoradinho (a)” com um responsável, geralmente são os próprios pais que acompanham. Vale ressaltar que este comportamento é visto como uma forma de conquistar e ter os seus filhos a seu favor, todas estas vivências de “namoro” são sutis, estando relacionado e permitido com o nível de “namoro de criança”; quando a criança demonstra a vontade de, por exemplo, um beijo na boca, isto é explicado dentro dos limites do desenvolvimento da criança e esta conversa tardam muitos comportamentos curiosos porque não é colocado para ela não pode fazer, mas é explicado porque esta criança ainda não pode fazer.

O INES (2008) estimula os pais de adolescentes e jovens surdos à prática do diálogo significativo com os filhos, permitindo aos jovens a busca de ajuda e a desenvolver-se como pessoa, fazendo com que se sinta respeitado e importante. “Confiança e respeito são duas mãos de uma mesma via que nos permite ir e vir sempre” (CAPOVILLA, 2001, vol. 1:30).

No que toca aos surdos, sua curiosidade faz com que a sua inserção na vida sexual ativa, principalmente, aconteça mais rápido devido ao interesse e a busca de entendimento do seu corpo e de tudo que está inter e exter-ligado a ele. Eles obtêm essa compreensão através de experiências, e isto poderá colocá-los muito cedo em responsabilidades que eles não entendem ou não possuem amadurecimento suficiente. Se faz importante abordar a anatomia e a função dos órgãos reprodutores, masculino e feminino; o conhecimento de vários métodos contraceptivos; e tudo o que envolve as DSTS/AIDS; lembrando que esta abordagem deve ser feita utilizando materiais concretos e tecnologias que permitam a compreensão, o teatro também se apresenta como ótimo recurso para a transmissão de informação para os surdos.

O contato com os surdos deve ser alicerçado com a confiança, ele precisa adquirir confiança nos profissionais que abordarão sobre o tema da sexualidade só assim, com a confiança é que, como nos descreve Capovilla (2001, vol. 1: 30) os surdos nos convidam para entrar em seu mundo, nos acolhem e revelam os mais íntimos segredos do seu sinal.

Conforme Bento (2005) a orientação sexual ao surdo traz algumas dificuldades a mais para a família e para os profissionais envolvidos, devido à limitação que o surdo possui da linguagem, são exigidas informações objetivas, explicadas com simplicidade e riqueza de detalhes. Reflete também que o comportamento de vulnerabilidade e suscetibilidade da população surda se dá pela necessidade de auto-afirmação, aceitação social dentro da

comunidade ouvinte e sua percepção concreta da sua própria realidade a sua volta, principalmente pela compreensão limitada das informações passadas pelos meios de comunicação. A autora chama nossa atenção sobre os temas da sexualidade que são comuns tanto na população ouvinte como na população surda no que se refere a questões sobre o sexo: gravidez, doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS, namoro, métodos contraceptivos, tabus, preconceitos; isto perpassa a cultura, a crença, a escolarização, a falta ou o pouco conhecimento sobre a sexualidade; a preocupação com relação ao sexo se dá na maioria das vezes sobre a gravidez, as doenças sexualmente transmissíveis não são nem sempre abordadas. Para se ter uma ideia, o método contraceptivo mais usado é a camisinha masculina, por ser mais difundida nos meios de comunicação.

Esta autora mostra um conhecimento significativo apesar da escassez de material ou fontes a cerca da sexualidade dos surdos quando em sua pesquisa-ação divulga que os surdos já possuem informações sobre os meios de transmissão, prevenção e diagnóstico da AIDS; mas que ainda é necessário informações mais amplas sobre esta temática junto à população surda; já que esta relaciona a AIDS com algo visível, o emagrecimento, por exemplo. Afirma ainda que:

As possibilidades de auto-realização da pessoa surda, o desenvolvimento de sua autoestima e seu equilíbrio emocional ficam muito prejudicados. A harmonização da sexualidade do surdo pode ser dificultada por fatores como a sua comunicação, curiosidade não satisfeita, perguntas sem respostas, percepção visual acurada, dificuldade em compreender e explicar sentimentos e dificuldades no controle do ambiente. Portanto, o que se observa com frequência no comportamento do surdo, é o aumento da fantasia e a aparente exacerbação do interesse sexual, provocado por curiosidade em compreender melhor o mundo e de auto-conhecer-se.

È importante que os adolescentes e adultos jovens surdos desenvolvam conhecimentos e habilidades que os auxiliem na adoção de comportamentos que tenham relação restrita com a sexualidade, visando o surdo lhe dar consigo mesmo e com o outro, influenciando na tomada de decisão para resoluções de problemas, se fazendo necessário o trabalho destas questões com os jovens surdos.

O PAPEL DA LIBRAS NO DIÁLOGO SOBRE A SEXUALIDADE

Autores como (QUADROS & KARNOPP, 2004) mostram que a LIBRAS é a língua gestual-visual, pois a informação lingüística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos é a língua materna dos Surdos ou das pessoas com deficiência auditiva que faz uso dela

e é por meio desta língua que os surdos compreendem melhor o mundo que os cerca. Alegam que o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos surdos é prejudicado quando em seu meio social as pessoas de sua convivência não domina esta Língua de Sinais, principalmente no meio familiar, onde qualquer ser humano recebe as crenças, valores, normas, princípios e informações sobre a comunidade, sociedade e o mundo onde este exerce a sua cidadania. É na infância que o surdo deve ter o seu primeiro contato com a LIBRAS e é salutar o contato de crianças surdas com surdos adultos, isto contribui no processo de identificação. Felipe (2007) defende que uma criança surda precisará se integrar à comunidade surda de sua cidade para adquirir um bom desempenho na língua de sinais desta comunidade.

(SACKS, 2000 apud CAPOVILLA & RAPHAEL, 2008, vol.1) Devido à constituição dos cérebros humanos possuímos uma inata capacidade de adquirir linguagem, seja falada, seja o Sinal. Esta linguagem depende do intercambio com pessoas à sua volta, do ouvir a sua fala, ou do assistir ao seu sinal; se aos cinco ou seis anos de idade a criança já tiver desenvolvido fluência em linguagem ela pode ter uma vida rica de comunicação e de intercambio comunitário desenvolvendo assim fluência na leitura e escrita. Mas se ocorre o contrário sua vida será de restrições e empobrecimento cultural e a incapacidade de ler e escrever.

De acordo com os autores acima, foi apenas nos últimos 40 anos que as Línguas de sinais das pessoas Surdas passaram a ser reconhecidas pelos lingüistas e professores e também pelas próprias pessoas Surdas como línguas completas e autônomas em todos os aspectos. “O processo de aquisição da Língua de Sinais é igual ao processo de aquisição de línguas orais-auditivas, ou seja, obedece a maturação da criança que internaliza a língua a partir do mais simples para o mais complexo”. Quando mais cedo uma criança surda entrar nesse processo, mais natural será a sua fluência (FELIPE, 2007).

A Língua de Sinais oferece possibilidades de significado, cumprindo o seu papel no desenvolvimento lingüístico, cognitivo e emocional dos surdos não pode ser ignorada em qualquer ato de interação por nenhum profissional que possui contato com a população surda. Em uma surdez congênita e pré-verbal pode haver bloqueio do desenvolvimento da linguagem verbal, não impedindo o desenvolvimento dos processos não-verbais. Com isso, as pessoas surdas, por uma limitação sensorial, que as impede de adquirir a língua oral de modo natural, fazem uso de formas alternativas de linguagem, desenvolvendo os processos cognitivos e simbólicos visuais (MEC, 2006).

Defende ainda, que os ouvintes adquirem de forma espontânea as línguas orais porque a informação chega pela via auditiva, já os surdos a informação chega pela via visual.

O aprendizado da língua de sinais também é espontâneo e natural e esta linguagem se desenvolve naturalmente, possibilitando o surdo interar-se plenamente no que se refere a comunicação humana e enriquecer-se sem restrição o seu mundo de conceitos e significados. Mas infelizmente existem surdos que não conhecem a língua de sinais, principalmente porque foram proibidos de comunicar-se gestualmente e foram educados sob a perspectiva oralista e isto causa um indivíduo mal informado e pouco instruído, seus conceitos e significados de mundo são precários.

Bento (2005) declara que “a informação a qual o surdo tem acesso é fragmentada e insuficiente para a compreensão plena de diversos assuntos”. Em se tratando dos surdos, a sua inserção na sexualidade parece ser mais complexa, pois é indispensável que as informações sejam passadas de forma que eles compreendam, já que a maioria dos surdos possui uma língua própria e é de suma importância que a família e/ou profissionais responsáveis em transmitir os esclarecimentos sobre a sexualidade como um todo, sejam dotados do conhecimento da LIBRAS para que as orientações possam ser assimiladas na íntegra. Conforme Klein & Formozo (2007, p.03):

Em muitos países os surdos conquistaram o respeito à diferença cultural e linguística que os identifica como o outro em relação à modalidade linguística. Depois de anos de luta, conseguiram que sua língua fosse reconhecida e respeitada em vários países, inclusive no Brasil, onde o ensino da Libras já é obrigatório nos cursos de Licenciatura e Pedagogia (Decreto nº 5.626, de 22/12/2005).

Isto mostra que o contato com uma língua de sinais se faz importante no desenvolvimento de uma pessoa surda. Crianças surdas filhas de pais ouvinte que por opção dos pais irão usar as línguas de sinais devem manter contato com adultos surdos e também outras crianças surdas além do convívio com ouvintes para que se desenvolva de forma plena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que os surdos são capazes de compreender o seu corpo e tudo que o envolve como qualquer outro sujeito, desde que haja a comunicação adequada e os meios compatíveis com as suas habilidades de assimilação. A família sendo a primeira instituição ou grupo social de convivência de qualquer indivíduo deve iniciar os esclarecimentos informais sobre a sexualidade. No entanto, o que se é perceptível é que a família tem receio em abordar informações sobre a educação e orientação sexual, pois temem que um comentário sobre o tema desperte curiosidades sexuais e o mais temível, a prática sexual precoce, sendo este tema não só temido pelos pais de surdos e surdas, mas também por pais de ouvintes e as

informações sobre a sexualidade são na maioria das vezes passadas por colegas de classe ou professores. A escola, por sua vez, deve complementar de maneira formal as dúvidas e as curiosidades sobre o corpo dos surdos do sexo masculino e feminino; o professor é o responsável por esta educação ou orientação sexual, sanando dúvidas se fazendo importante um bom vínculo entre professor-aluno para que a confiança e o respeito sejam praticados, podendo este tema ser trabalhado na disciplina de ciências e ou de acordo com a demanda de dúvidas dos adolescentes.

A linguagem de sinais agora é reconhecida e praticada em um número significativo de instituições e meios de comunicação possibilitando ao surdo o contato com o mundo dos ouvintes, o mundo onde eles vivem na maior parte do seu tempo e possibilitando também e o mais importante o seu desenvolvimento afetivo para com os ouvintes, cognitivo e social com um todo. Isto reforça e regulamenta a cidadania da população surda.

A pessoa com deficiência auditiva merece maior atenção não só na questão da sexualidade, mas também da saúde como um todo, seus direitos e deveres são incontestavelmente importantes para que possam interagir com o meio, a sociedade em que vivem. É obvio a capacitação de profissionais para este papel, a preocupação e solução de certas questões que envolvem sujeitos masculinos e femininos ou ambos podem facilitar o convívio e o desenvolvimento destes cidadãos e cidadãs.

¹Graduada em História pela UNIT/SE. Especialista em Sergipe: Sociedade e Cultura, pela Faculdade Pio Décimo/SE. Coordenadora do Ensino Médio no Colégio Ômega/SE. alinehistoria@hotmail.com.

²Graduada em Psicologia pela Faculdade Pio Décimo/SE e em Ciências Naturais pela UNIT/SE. Especialista em LIBRAS pela FSL/SE e AEE pela UFC/CE. Professora efetiva da rede municipal de São Cristóvão/ SE e Laranjeiras/SE. Frequenta o Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência (NUPIEPED/UFS). sandra.dea@hotmail.com.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M.A.; GALVÃO, V.R.; MAGALHÃES, M.C.; PIRES, H.B. FONSECA, A.P.M.; TELES, S.A.; SOUSA, J.T. **Ensino e Saúde: O que Pensam e o que Sabem os Deficientes Auditivos**. Revista Eletrônica de Enfermagem (online, Goiânia, vol. 01 nº 01, 1999. Disponível em: WWW.revistas.ufg.br/index.php/fen. Acesso em 28 jul de 2008.

BENTO, I. C. B. **Educação Preventiva em Sexualidade, IST/AIDS para o Surdo Através da Pesquisa-Ação**. Ribeirão Preto/SP, 2005. Paginação irregular. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Acesso em 23 jul de 2008. [scielo].

BRASIL. **Saberes e Práticas da Inclusão: Desenvolvendo Competências para o Atendimento às Necessidades Educacionais Especiais de Alunos Surdos**. 2ª edição. Brasília: SEESP/MEC, 2006. 116p.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I: Sinais de A a L**. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2001. 1620p.

_____. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I: Sinais de A a L**. 3ª edição. São Paulo: Edusp, 2008. 832p.

CRUZ, A. C. N. da.; OLIVEIRA, S. M. P. **Sexualidade do Adolescente: Um Novo Olhar sem Mitos e Preconceitos**. Universidade da Amazônia – UNAMA. Belém-Pará, 2002. Disponível:<[http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografia/sexualidade do adolescente.pdf](http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/monografia/sexualidade_do_adolescente.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2006.

FREUD, S. **Obras Completas: Os Três Ensaio Sobre a Sexualidade**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Volume VII.

_____. **O Mal-Estar na Civilização** / Sigmund Freud: Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997. 116p.

Guia de Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia. 4ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. Paginação Irregular.

GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola: Mito e Realidade**. São Paulo: Mercado das Letras, 1995. Paginação Irregular.

INES http://www.ines.org.br/ines_livros - Acesso em 23 jul de 20008

KLEIN, M.; FORMOZO, D. de P. **Gênero e Surdez**. Revista Reflexão e Ação, vol.15, nº 1. Pelotas, 2007. [scielo]

QUADROS, R. M de. ; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224p.

SÁ, N. R. L. **Cultura Poder e Educação dos Surdos**. Manaus: Ed. Da Universidade Federal do Amazonas, 2002, 388p.

THOMA, A. da S; LOPES, M. C. **A Invenção da Surdez: Cultura, Alteridade, Identidades e Diferença no Campo da Educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. 236p.

VITIELLO, N. **Sexualidade: Quem Educa o Educador? Um Manual para Jovens, Pais e Educadores**. São Paulo: Iglu, 1997. Paginação irregular.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984. 89.

_____ **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.